

## **A função dos “ossos de José”: análise de Gn 50,25; Ex 13,19; Js 24,32**

*The function of “Joseph’s bones”:  
analysis on the Gen 50,25; Ex 13,19, Josh 24,32*

*Leonardo Agostini Fernandes*

### **Resumo**

Js 24,32 atesta o repouso definitivo dos ossos de José que foram trasladados do Egito por Moisés (Ex 13,19), cumprindo a ordem que fora dada pelo filho primogênito de Jacó com Raquel antes de morrer (Gn 50,25). A dinâmica subjacente a esse percurso tange duas questões. Na primeira, encontra-se a proibição de se tocar em um morto ou em ossadas (Nm 19,11-16; Lv 21,1-4). Na segunda, encontram-se as diferenças de interpretação segundo a corrente Sacerdotal (Nm 20,12-13; 27,12-14 + Dt 32,48-52) e a corrente Deuteronomista (Dt 1,37-38; 3,23-29), no que diz respeito à “punição” sobre Moisés, visto que YHWH não lhe permitiu entrar na terra de Canaã. Diante desses impasses, o presente artigo analisa os textos que se referem aos ossos de José e reflete sobre essas questões, a fim de propor uma hipótese alternativa para a não entrada de Moisés em Canaã, justificando as razões para atribuir tal feito a “José”, através do seu descendente, Josué, filho de Nun da tribo de Efraim. No presente artigo, articulado com introdução, três partes e considerações finais, foram adotadas abordagens diacrônicas e sincrônicas.

**Palavras-chave:** Livro de Josué. José. Moisés. Ossos. Profecia.

## Abstract

Josh 24:32 attests to the definitive rest of Joseph's bones that were transferred from Egypt by Moses (Ex 13,19), fulfilling the order given by Jacob's firstborn son to Rachel before he died (Gn 50,25). The underlying dynamics of this path addresses two issues. In the first, there is the prohibition of touching a dead person or bones (Nm 19,11-16; Lv 21,1-4). In the second, there are differences in interpretation according to the Priestly current (Nm 20,12-13; 27,12-14 + Dt 32,48-52) and the Deuteronomist current (Dt 1,37-38 and 3,23 -29), with regard to the “punishment” on Moses, since YHWH did not allow him to enter the land of Canaan. In face of these impasses, the present article analyzes the texts that refer to the bones of Joseph and reflects on these questions, in order to propose an alternative hypothesis for the non-entry of Moses in Canaan, justifying the reasons for attributing such accomplishment to “Joseph”, through his descendant Joshua, son of Nun of the tribe of Ephraim. In this article, articulated with an introduction, three parts and final considerations, diachronic and synchronic approaches were adopted.

**Keywords:** Book of Joshua. Joseph. Moses. Bones. Prophecy.

## Introdução

José, filho querido de Jacó e gerado de Raquel, sua dileta esposa, aparece envolvido em grandes dilemas desde a sua concepção. Raquel, como Sara de Abraão, era estéril (Gn 29,31), e teve inveja de sua irmã Lia, antes que Deus para ela se voltasse e lhe concedesse um filho (Gn 30,1-24), ao qual deu o nome de José, que significa “YHWH acrescente” (da raiz יס),<sup>1</sup> revelando o desejo de ter mais filhos. Raquel, infelizmente, morreu ao dar à luz ao seu segundogênito, a quem chamou de *Ben 'ôni* (“filho da minha dor”), mas Jacó mudou-lhe o nome

---

<sup>1</sup> HILL, A. E. #3578 – יס, p. 475-478.

para Benjamim, “filho da minha destra” (בְּיָמֵי יְמִינִי),<sup>2</sup> talvez para evitar que um mau presságio recaísse sobre a identidade e a vida do recém-nascido (Gn 35,16-20).<sup>3</sup>

A figura de José aparece mencionada quatro vezes (Gn 30,25; 33,2.7; 35,25), antes que o seu ciclo narrativo tenha início em Gn 37,2 e prossiga, com tantos altos e baixos, até ser dada a notícia da sua morte, informando a sua idade (por sinal é a mesma de Josué, conforme Js 24,29), e que foi tratado com dignidades egípcias, sendo embalsamado e colocado em um sarcófago (Gn 50,26).<sup>4</sup>

Se, porventura, Gn 50,25; Ex 13,19; Js 24,32 não estivessem nos seus respectivos livros, não fariam alguma falta, mas, se foram colocados e, nessa ordem, uma razão e grau de importância foram atribuídos a eles. Dado singular recai sobre Js 24,32 não apenas por ser a última referência aos ossos de José, mas porque, além de deixar em evidência Efraim, permite que se compreenda a função da ordem dada em Gn 50,25 e devidamente executada por Moisés em Ex 13,19.

Outrossim, a notícia do sepultamento dos ossos de José confere ao inteiro livro de Josué um importante grau de relevância em relação à Torá, quando se faz um confronto entre a morte e o sepultamento de Moisés, fora da terra de Canaã, e o sepultamento dos ossos de José, que tanto tempo vivera fora, mas teve o privilégio de entrar e se indicar o local. O que foi “dado” a José não foi dado a Moisés que, embora não tenha entrado na terra de Canaã fisicamente, entrou no dom da Torá, como grande protagonista ao lado de YHWH, Deus de Israel, cumpridor das promessas feitas aos patriarcas.

Contudo, no final da fala de José aos seus irmãos encontra-se uma profecia e, com ela, uma ordem (Gn 50,25). Tal ordem foi lembrada e executada por Moisés no momento do êxodo do Egito (Ex 13,19). Desse momento, em diante, não se faz mais alguma referência aos ossos de José na Torá. Por isso, pode-se aceitar, que o sarcófago de José, com os seus ossos, acompanhou os

---

<sup>2</sup> BOCIAN, M. Beniamino, p. 91-93.

<sup>3</sup> As maldades cometidas por um bando de benjaminitas e que terminou em uma guerra fratricida pode evocar o sentido de *Ben'oni* (Jz 19,1-21,24). Além disso, Saul, também benjaminita e primeiro rei de Israel, em confronto com Davi é uma figura repleta de controvérsias e exposta ao ridículo (1Sm 9,1-31,13).

<sup>4</sup> Se a notícia é uma referência de cunho histórico, então deve-se admitir que a prática do embalsamamento, ao estilo egípcio, parece que foi assimilada e mantida pelos *hycsos* que conquistaram e dominaram o Egito entre 1750/20 e 1550 a.C (SOGGIN, J. A., *Storia D'Israele*, p. 104; KUHRT, A., *El Oriente Próximo en la Antigüedad*, p. 201-211).

filhos de Israel durante todo o tempo de peregrinação pelo deserto, pois o seu sepultamento só ocorreu em Js 24,32.

Se isso procede, então surge uma questão: a presença e o translado dos ossos de José, talvez preservados no meio do acampamento de Efraim ou de Manassés (Nm 1,32-34; 2,18-21), seus dois filhos (Gn 41,51-52), gerados de Asenet, filha de Putifar (Gn 46,20),<sup>5</sup> não estariam contaminando o acampamento e violando a legislação sobre a proibição de tocar em ossos, contida em Nm 19,11-16?

A presente reflexão, em si, além de tentar dar uma resposta a essa questão, buscará propor uma alternativa para a não entrada de Moisés na terra de Canaã. Esta é, comumente, apresentada como consequência da não glorificação do nome de YHWH no meio dos filhos de Israel, devido à violação da ordem divina no episódio das águas que brotaram da rocha em Nm 20,1-13, “paralelo” a Ex 17,1-7.

Em primeiro lugar, encontra-se a tradução dos textos a partir do hebraico e em segmentação, com algumas notas de crítica textual. A seguir, apresenta-se a colocação de cada texto dentro dos seus respectivos contextos e prossegue-se com uma reflexão exegético-teológica. As abordagens de cunho diacrônico e sincrônico, levam em consideração a “ideia” de uma narrativa continuada de Gênesis a Josué, visto que, respectivamente, a referência aos ossos de José aparece no final desses dois livros.

## 1. Textos segmentados e notas de crítica textual<sup>6</sup>

### 1.1. Gn 50,25

E José fez jurar os filhos de Israel,	25a	וַיִּשְׁבַּע יוֹסֵף אֶת־בְּנָי יִשְׂרָאֵל
dizendo:	25b	לֵאמֹר

<sup>5</sup> O nome *'ās<sup>e</sup>nat* é considerado egípcio e indicaria, “é filha de X”, no sentido de pertença a uma divindade ou uma alusão à paternidade. O dado singular é que o nome está bem atestado no Reino Médio (2100–1600 a.C), correspondendo ao período em que houve dominação dos *hycsos*, época do envolvimento de José com o Egito (KITCHEN, K. A., *Asenat*, p. 154).

<sup>6</sup> A apresentação dos textos segue a ordem canônica e a tradução é pessoal, feita a partir do Texto Massorético Leningradense (TM<sup>L</sup>) reproduzido na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS): Gn 50,25 na p. 85; Ex 13,19 na p. 108 e Js 24,32 na p. 398.

“Deus, certamente, vos visitará.	25c	פֶּקֶד יִפְקֹד אֱלֹהִים אֶתְכֶם
Então, fareis subir daqui estes meus ossos”. <sup>7</sup>	25d	וְהַעֲלֵתֶם אֶת־עֲצָמֹתַי מִזֶּה:

## 1.2. Ex 13,19

E Moisés levou consigo os ossos de José,	19a	וַיִּקַּח מֹשֶׁה אֶת־עֲצָמוֹת יוֹסֵף עִמּוֹ
pois, de fato, fez jurar <sup>8</sup> os filhos de Israel,	19b	כִּי הִשְׁבַּע הַשְּׂבִיעַ אֶת־בְּנֵי יִשְׂרָאֵל
dizendo:	19c	לֵאמֹר
“Deus <sup>9</sup> , certamente, vos visitará.	19d	פֶּקֶד יִפְקֹד אֱלֹהִים אֶתְכֶם
Então, convosco, fareis subir daqui estes meus ossos.”	19e	וְהַעֲלִיתֶם אֶת־עֲצָמֹתַי מִזֶּה אִתְּכֶם:

## 1.3. Js 24,32

E os ossos de José,	32a	וְאֶת־עֲצָמוֹת יוֹסֵף
que os filhos de Israel fizeram subir do Egito,	32b	אֲשֶׁר־הָעֵלוּ בְנֵי־יִשְׂרָאֵל מִמִּצְרַיִם
foram sepultados em Siquém	32b	קָבְרוּ בַשָּׂדֶךְ
– na porção do campo,	32ca	בְּחֶלְקַת הַשָּׂדֶה
que Jacó comprou,	32cb	אֲשֶׁר קָנָה יַעֲקֹב

<sup>7</sup> Numerosos manuscritos hebraicos editados, o *Pentateuco Samaritano* e versões trazem o acréscimo: “convosco” (אִתְּכֶם). A finalidade parece óbvia: harmonizar com Ex 13,19e. Esta harmonização deve-se, igualmente, ao fato de o verbo no *hifil w<sup>q</sup>atal* (הִפְלִיטִים) exigir complemento direto e indireto. O autor de Ex 13,19 levou em consideração essa exigência.

<sup>8</sup> O *Pentateuco Samaritano* e o Códice Vaticano da *Septuaginta*\*75 acrescentam o sujeito da ação: José (יֹסֵף), criando, por certo, um vínculo com Gn 50,25, pois embora o nome esteja citado no segmento do v. 19a, não se percebe, claramente, quem seria o sujeito. A ação é lícita, mas, visto que supõe, a fala do próprio José em Gn 50,25 a inserção não se justifica.

<sup>9</sup> A *Septuaginta*, no lugar do substantivo comum masculino plural, “Deus” (אֱלֹהִים), preferiu “Senhor” (κύριος). A mudança não reflete uma alteração em relação a Gn 50,25, pois אֱלֹהִים foi mantido na *Septuaginta*. Admite-se que a mudança tenha a ver com a revelação do nome divino a Moisés que, pelo segmento do v. 19a, é o agente executor da profecia feita por José, mas a sua vocação e missão estão debaixo do que fora narrado em Ex 3,1–4,18. Nesse sentido, a *Septuaginta* deixa claro que Moisés assumiu a ordem de José como realização da vontade do Senhor (YHWH), profetizada pelos lábios de José.

dos filhos de Hemor, pai de Siquém, por cem peças de prata –	32cγ 32cδ	מֵאֵת בְּנֵי־חֶמּוֹר אָבִי־שָׁכֶם בְּמֵאָה קֶשֶׁטָה
e se tornaram <sup>10</sup> herança para os filhos de José.	32d	וַיְהִיו לְבְנֵי־יוֹסֵף לְנַחֲלָה:

## 2. Contextualização de cada texto

A fala de José em Gn 25,50 está devidamente enquadrada no contexto que, de algum modo, une os relatos sobre a morte de Jacó, com o respectivo medo, dos demais filhos, de que José mudasse o seu comportamento em relação a eles. O que não aconteceu, pois José reafirmou que o mal por eles praticado fora, na verdade, um desígnio salvífico de Deus para que todo clã fosse preservado da morte e as promessas feitas aos antepassados se mantivessem (Gn 25,15-21).

O relato não dá a entender quanto tempo se passou entre essa fala de José a seus irmãos e a sua previsão de morte. Afirma-se que José viveu por cento e dez anos (Gn 50,22). Tempo suficiente para ver nascer os filhos de Efraim até a terceira geração, bem como os filhos de Manassés. Note-se que a referência a Efraim já aparece na frente da de Manassés e isto se deve à forma como Jacó impetrou a bênção sobre os filhos de José (Gn 48,8-22). Efraim assumiu a liderança, razão pela qual se fez menção às três gerações que dele descendem, sem, porém, deixar de evidenciar a preferência de José pelo primogênito Manassés com a alusão de que os seus netos, filhos de Maquir, nasceram sobre os seus joelhos (Gn 50,23).

A certeza da fala de José a seus irmãos, expressão de uma ordem a ser cumprida pela geração do êxodo, é uma retomada do que o próprio Jacó havia afirmado a José, aludindo à chegada da sua morte por ocasião da bênção dada a Efraim e a Manassés: “Deus está convosco e vos fará voltar para a terra de vossos pais” (Gn 48,21). Não à toa, o primeiro a fazer esse retorno, segundo a

<sup>10</sup> A proposta do aparato crítico da BHS, de se ler no feminino singular, “e se tornou/e foi” (וַתְּהִי), apoia-se na *Peshitta* e na *Vulgata* (*et fuit*), fazendo a ação concordar com o substantivo feminino “herança” (נַחֲלָה), e não com a relação do campo com os “filhos de Hemor” (בְּנֵי־חֶמּוֹר), como se deduz da leitura em hebraico. A *Septuaginta* também não seguiu a formulação hebraica e mudou o verbo para “e deu” (καὶ ἔδωκεν), igualmente pontuando sobre a herança. Contudo, a lição hebraica, além de criar um suposto problema, é muito sugestiva em função do que será abordado neste artigo.

narrativa, foi Jacó pelo traslado de seu corpo para ser sepultado na gruta de Macpela, junto de seus avós Abraão e Sara (Gn 50,12-13), conforme as suas determinações (Gn 49,29-33).

No tocante à ação de Moisés, realizada em Ex 13,19, está contextualizada no êxodo dos filhos de Israel do Egito. Não se faz alguma menção sobre o lugar onde os ossos de José estivessem durante todo esse tempo, desde a sua morte. Tampouco se diz como a ação foi feita e desenvolvida, ou que recursos foram empregados para concretizá-la. Retoma-se, apenas, Gn 50,25 quase que na íntegra.

O que causa surpresa é o protagonismo de Moisés, sem que alguma forma de lembrança ou advertência tivesse ocorrido previamente. A ação, simplesmente, leva a crer e a entender que a ordem de José foi levada em séria consideração e, portanto, transmitida de geração em geração, pois era uma ordem que não podia ser negligenciada. O êxodo do Egito atesta que Jacó e José, pela narrativa, estavam certos de que o regresso à terra de Canaã aconteceria por vontade do próprio Deus.

Importa notar, por enquanto, que “Moisés tomou consigo os ossos de José” (Ex 13,19a). Ele próprio assumiu esse encargo e não determinou que fosse realizado por alguém. Então, desse momento em diante, o ouvinte-leitor não deveria mais esquecer que “José”, representado em seus ossos, está entre os filhos de Israel libertos do Egito e com estes permanecerá por todo o tempo da marcha, da permanência pelo deserto, da conquista e da repartição da terra de Canaã. “José”, então, é partícipe de tudo o que acontece aos filhos de Israel, desde o êxodo do Egito até seu sepultamento em Siquém.

Já a referência ao sepultamento dos ossos de José em Js 24,32 é um dado singular, pois está entre a notícia da morte de Josué – que, de auxiliar de Moisés (Js 1,1), após a conquista (Js 2,1–12,24) e a subdivisão do território (Js 13,1–21,45), por sua obediência total e incondicional a YHWH e à sua vontade, foi honrado com o mesmo título do grande líder, “servo de YHWH” (Js 24,29), embora tenha vivido dez anos a menos que Moisés –, e a notícia da morte do sumo sacerdote Eleazar, filho de Aarão, sem que uma idade lhe tenha sido atribuída, se diz que também foi sepultado na montanha de Efraim, mesma localidade onde Josué foi sepultado e os ossos de José, enfim, encontraram seu

definitivo descanso. Há, porém, um elemento diferencial, pois a localidade é dita: “em Siquém”.<sup>11</sup>

Js 24,29-31+32-33 são, comumente, considerados apêndices ao livro de Josué, mas contêm notícias importantíssimas, sem as quais não haveria o devido vínculo com o início do livro de Juízes.<sup>12</sup> Outrossim, o ouvinte-leitor já está sendo preparado para perceber a necessidade da comunhão no que diz respeito às lideranças em âmbito civil e religioso. Algo que pode ser visto como uma prolepse e que ficará ainda mais patente com o regresso dos exilados em Babilônia sob o comando de Zorobabel, filho de Salatiel da casa de Davi, e de Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote (Esd 2,2.36; 3,2.8).<sup>13</sup>

### 3. Argumentação exegético-teológica

#### 3.1. Gn 50,25

A ação parte de José, mas são os “filhos de Israel” que, por sua vez, devem realizar um juramento diante e em relação a ele. A ação está no causativo, forma verbal no *hifil*, dando a entender que é expressão da vontade de José. Elemento singular encontra-se na referência “filhos de Israel” ao invés de “seus irmãos”, como havia sido usada em Gn 50,24.<sup>14</sup>

Parece que o uso de “filhos de Israel”, ainda que se subentenda “filhos de Jacó”, visto que seu nome havia sido mudado após a luta noturna (Gn 32,23-

---

<sup>11</sup> No segundo milênio a.C, Siquém foi um centro político e religioso importante pois era uma cidade-estado, mas declinou na transição do Bronze tardio para o período do Ferro. Os relatos bíblicos apontam para um percurso religioso da arca da aliança: de Siquém para Siló e, depois, para Jerusalém. Dado singular é que Siquém foi um importante santuário ligado aos patriarcas Abraão e Jacó (GILMOUR, G., Shechem, p. 889-892). Para o significado, os dados bíblico-históricos e arqueológicos sobre Siquém, com vasta bibliografia, veja-se BEAUDRY, M., Siquém, p. 1264-1265.

<sup>12</sup> SICRE, J. L., Josue, p. 495; DALLA VECCHIA, F., Giosuè, p. 185.

<sup>13</sup> As figuras de Zorobabel e de Josué são muito evidenciadas nos livros de Ageu e do Proto-Zacarias. Além disso, é possível de se ver nessas duas figuras a realização das duas oliveiras, presentes na quinta visão de Zacarias, indicando tanto a unção do regente civil como do líder religioso (Zc 4,1-6a.10b-14).

<sup>14</sup> A relação entre José e seus irmãos aparece várias vezes no seu ciclo narrativo (Gn 37,2.4.8.10-12.17.19.23; 42,7-8; 45,1.3-4.15.24; 46,31; 47,11-12; 49,26; 50,18.24).



33),<sup>15</sup> possa ser assumido como uma prolepse do povo grande e numeroso que se formou ao longo do tempo de permanência no Egito (Ex 1,1-9; 5,5), e que continuou crescendo durante todo o tempo do deserto (Dt 1,10).<sup>16</sup> Nesse sentido, o uso de “filhos de Israel” já evocaria os que concretizariam o juramento que José obtivera dos seus irmãos e que, ao longo do tempo, se perpetuou por todos os descendentes de Jacó até a sua concretização.

Fica claro, além disso, que José demonstrou não apenas o seu forte desejo, mas usou da sua autoridade, primeiramente como “grão-vizir do Egito”, em segundo lugar, porque graças a ele todo o clã pode ser salvo da grande carestia que se abateu sobre toda a região (Gn 41,53-57). José não abriu mão da sua posição privilegiada em relação aos seus irmãos, ainda que os tenha perdoado.<sup>17</sup> De certa forma, continuou se cumprindo o sonho da submissão de seus familiares a ele (Gn 37,5-11).

Da ação causativa se passa ao seu duplo conteúdo, respectivamente uma profecia e uma ordem.

No caso da profecia, “Deus, certamente, vos visitará”, tem-se uma retomada da conversa de Jacó com José, na qual o pai havia previsto essa visita libertadora de Deus, com o conseqüente retorno para a terra de Canaã (Gn 48,21). Fato é que a fala de Jacó está pautada no que o próprio Deus lhe havia

---

<sup>15</sup> É dentro desse contexto que a locução “filhos de Israel” é citada pela primeira vez na Torá, explicando a razão pela qual não comem o nervo ciático (uma etiologia). Em Gn 42,5 encontra-se a segunda alusão aos “filhos de Israel”, algo aceitável, visto que é a narrativa do primeiro encontro com José, grão-vizir do Egito. De igual modo, no momento da revelação de José a seus irmãos em Gn 45,21. Já em Gn 46,1 Jacó é denominado Israel e no v. 5 evidencia-se, ainda mais, pois os “filhos de Israel”, isto é, “os filhos de Jacó” fazem seu pai, crianças e mulheres subirem nos carros enviados pelo faraó para levá-los ao Egito. Enfim, Gn 46,8-27 apresenta a genealogia dos “filhos de Israel” que foram para o Egito.

<sup>16</sup> O aumento demográfico dos filhos de Israel realiza a ordem (Gn 1,28; 9,1), e as promessas (Gn 15,5; 16,10; 17,5-6; 22,17). Ex 1,1-22 e os recenseamentos feitos no deserto também confirmam esse crescimento (Nm 1,5-47; 2,1-34.14-43; 26,1-65).

<sup>17</sup> “A existência de José está marcada por um conflito que terminou bem, uma história que concede esperança e infunde coragem todas as vezes que o povo se encontra em situações semelhantes. Enfim, demonstra que o poder não serve somente para oprimir, mas para salvar, colocando-se a serviço dos membros necessitados da própria família e do próprio povo. O gosto pelo poder, o ódio, a inveja e o ciúme não triunfam sempre e necessariamente. É uma das mensagens essenciais da história de José, que convida os seus leitores a escrever as próprias histórias de forma semelhante” (SKA, J-L., *O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*, p. 45).

dito, a fim de convencê-lo a descer ao Egito, atendendo ao chamado de José. Prometeu o crescimento do povo, prometeu a sua divina presença e assistência, e prometeu o seu retorno para Canaã por ocasião da sua morte, assegurando a Jacó que José lhe fecharia os olhos (Gn 46,3-4).

A frase de cunho profético tem sujeito, “Deus”, e está formulada com um verbo no infinito absoluto, traduzido com valor de advérbio, e o verbo, da mesma raiz do anterior, flexionado no *yiqtol* na 3ª pessoa do masculino singular, permitindo que seja traduzido pelo futuro com o seu objeto direto, “vos”, devidamente marcado pelo sintagma  $\text{בְּיָדְכֶם}$  que está no lugar de “filhos de Israel” do v. 25a.

No tocante à ordem, “Então, fareis subir daqui estes meus ossos”, pode-se compreender em um duplo significado. No primeiro, seria uma forma de confirmar e endossar a profecia. No segundo, seria o modo de garantir que os favores de Jacó, retribuindo a José a graça de ter beneficiado a todo o clã, não fosse violado por nenhum de seus irmãos. De fato, em Gn 48,22 Jacó disse a José: “Eu dou para ti Siquém, algo sobre teus irmãos que tomei das mãos dos amorreus, com minha espada e meu arco”.<sup>18</sup>

O fundamento para a liberdade do dom a José, primogênito com Raquel, encontra-se no fato de Jacó dizer que o território foi conquistado e não comprado. Isso, porém, parece entrar em choque com Gn 33,19 que alude não a uma conquista de tipo bélica, mas a uma aquisição por cem peças de prata, a fim de edificar um altar a “El, Deus de Israel”.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> No seu discurso (At 7,16), o diácono Estêvão evoca o episódio, mas no lugar de Jacó afirmou que Siquém, como lugar sepulcral, havia sido comprado por Abraão. O equívoco deveu-se ao diácono Estêvão ou ao autor de Atos? A resposta é difícil de ser dada (ROSSÉ, G. *Atti degli Apostoli*, p. 305-306). Visto que seu discurso estava sendo feito em Jerusalém, a opção por Abraão e não por Jacó pode ter sido uma estratégia de Estêvão para não evocar o ódio entre judeus e samaritanos. É possível, porém, que o autor estivesse objetivando preparar a narrativa sobre a evangelização da Samaria em At 8,5-25 (MARSHALL, I. H., *Gli Atti degli Apostoli*, p. 176-177).

<sup>19</sup> O ciclo de Jacó, que aparece integrado ao de José, tem muito a ver com o ciclo de Abraão. Enquanto este representa a fê e as tradições patriarcais do Sul, isto é, de Judá, o ciclo de Jacó representa a fê e as tradições patriarcais do Norte, isto é, de Israel, tendo Efraim como protagonista dessa representação. Gn 23,1-20 narra que Abraão, para sepultar o corpo de Sara, comprou o campo com a gruta de Macpela dos filhos de Het por quatrocentos ciclos de prata. Gn 33,18-20 narra que Jacó comprou uma parcela do campo que ficava em Siquém por cem peças de prata. Não se pode esquecer que Abraão, ao entrar em Canaã fez sua primeira pausa em Siquém, no Carvalho de Moré, onde erigiu um altar a YHWH (Gn 12,6-8). Nesse sentido, a aquisição de

Nota-se, porém, que em Gn 48,22 há um jogo de intenção subjacente ao substantivo masculino Siquém (*šēkem*), que, além de significar “ombro”, também é o nome de uma localidade importante na região central de Canaã. O que é dado a José, de fato, sobrepõe-se ao que foi dado aos demais, pelo simples fato de que a tribo de Manassés recebeu duas porções de território, uma na Transjordânia (Nm 32,32-42; Js 1,12-18; Js 22,1-34), e outra na Cisjordânia (Js 17,1-13+14-18); já a tribo de Efraim ficou com o monte, onde está Siquém (Js 16,1-10). Fato apoiado em Js 24,32 que ainda será comentado.<sup>20</sup>

A certeza da visitação de Deus tem a ver, no fundo, com toda a dinâmica da promessa da terra de Canaã aos patriarcas e que, segundo a narrativa, o tempo de permanência no Egito tinha prazo de validade. Quanto a esse tempo, “quatrocentos anos”, de acordo com Gn 15,13 é uma prolepse sobre o êxito inicial que mais tarde se transformou em exílio opressor no Egito, quando um novo rei subiu ao trono e não conhecia José (Ex 1,8). Dado temporal que, internamente, não coaduna com Ex 12,40 que menciona quatrocentos e trinta anos.<sup>21</sup>

É nesse sentido que se deve compreender a ordem de José: “fareis subir daqui estes meus ossos”. A ação, primeiramente, corresponde à geografia da região. De fato, do Egito a Canaã se sobe, atravessando o deserto do Negueb. Note-se que o verbo também está flexionado no causativo (*hifil*), pelo qual José atribuiu aos “filhos de Israel” a intenção e a força da ação. É significativo que, embora José esteja vivo, fale como se já estivesse morto.

Do ponto de vista familiar, tal ordem ficaria melhor enquadrada se tivesse sido dada a Efraim ou a Manassés, filhos de José. Contudo, visto que foram os seus irmãos que o venderam, então cabe-lhes a realização do traslado de seus ossos. Subjaz a essa ordem de José a isenção a qualquer tipo de infração referente a tocar em um morto ou a seus ossos como ficará determinado em Nm 19,16.

---

um terreno, além de ser um ponto comum entre as duas tradições, endossa o sentido da posse da terra por um ato de compra. Abraão, ao comprar o território das mãos dos hititas, de certa forma, livra-o da dominação estrangeira (DIAS, E. C., A vida de Sara e o Cumprimento da Promessa- Aliança, p. 90.109; FRUCHTENBAUM, A. G., The Book of Genesis, p. 365-371).

<sup>20</sup> Js 24,32 atesta a relação evidente entre Siquém e a casa de José (LOZA, J., Génesis 12–50, p. 213).

<sup>21</sup> No discurso de Estêvão encontra-se a referência a quatrocentos anos (At 7,6). Já na reflexão de Paulo, sobre a validade da lei, encontra-se a referência a quatrocentos e trinta anos (Gl 3,6). A diferença não deve ser julgada como discrepância, mas como tradições distintas sobre o mesmo fato.

### 3.2. Ex 13,19

A notícia sobre o cumprimento da ordem de José está intimamente ligada ao êxodo do Egito e não podia ser diferente, pois está dentro do contexto da realização da profecia que José expressou ao retomar o que seu pai Jacó previra como certo de acontecer.

Ex 13,17-18 afirma que Deus não deixou o povo seguir o caminho mais curto para Canaã. Se esta informação for comparada com o relato da chegada ao Egito poder-se-ia pensar no sentido oposto. Quem chegou, conduzindo os seus rebanhos e trazidos pelos carros enviados pelo faraó (Gn 45,16-20; 46,6-7), certamente pelo caminho mais curto, pois, na ocasião da ida, os filisteus ainda não habitavam a estrada litorânea, no momento do êxodo, porém, teve que fazer um caminho mais longo. A razão é oferecida pelo narrador como “presciência” divina: “o povo vendo-se em uma guerra, voltaria ao Egito”.<sup>22</sup> Tudo isso, não obstante se diga que os “filhos de Israel” saíram bem armados do Egito.

A análise de Ex 13,19, dentro desse contexto, mostra certos particulares.

O primeiro atesta o protagonismo de Moisés. É sua a iniciativa de levar consigo os ossos de José, sem que se faça alguma referência quanto ao local de sua sepultura, mas se deve supor, pois sem tal ciência o ato não teria acontecido. Ao se levar essa hipótese em conta, aparece, quase que de imediato, a contraposição ao que se diz do novo rei que subiu ao trono: “não conhecia José” (Ex 1,8).

O segundo elemento mostra a força desse protagonismo ao dizer que os ossos de José foram levados “com ele” (אִתּוֹ). Nessa preposição, formada com o sufixo pronominal singular de 3ª pessoa do masculino, pode-se pensar também na ação do povo como um todo, mas a ligação com Moisés, como sujeito da ação, predomina, pois tal ato concede a Moisés um critério de legitimidade. O êxodo, por ele conduzido, é a concretização não só da ordem de José, mas, em particular, da profecia, pois, de fato, na noite da páscoa, YHWH visitou o seu povo e provocou o êxodo (Ex 11,1-10; 12,29-34).

---

<sup>22</sup> “A estrada do ‘país dos filisteus’ é uma atualização anacronística do narrador que indica a estrada costeira que do Delta egípcio conduz até Gaza, parte final da chamada *via maris*; a alusão à possível guerra está em relação às posições militares dos egípcios que presidiam a estrada costeira” (PRIOTTO, M., Esodo, p. 247).

Ter consigo os ossos de José e fazê-los caminhar junto a todo o povo rumo à terra de Canaã são fortes critérios motivadores para se ver o acontecimento do êxodo sob a perspectiva da relação entre promessa e cumprimento. Não foi um novo sonho de José que estava se concretizando, mas a palavra de um antepassado que não teve apenas fama e glória em terra estrangeira, mas com a sua sabedoria conseguiu fazer sobreviver o Egito e, principalmente, o seu clã.<sup>23</sup> A presença dos ossos de José servia de garantia para o êxito do êxodo, da peregrinação e da entrada na terra de Canaã.

Se, por um lado, a libertação dos filhos de Israel do Egito era a concretização da vocação e da missão de Moisés, recebida no Sinai/Horeb (Ex 3,1-4,18), por outro lado, a honra da palavra dada feita a José, sob juramento, não podia ser negligenciada. Os episódios estão intrinsecamente ligados, pois em Ex 2,24 está dito que “Deus se recordou da aliança com Abraão, com Isaac e com Jacó”. Por certo, tal recordação equivale à promessa da terra, mas nada impede de relacioná-la com a certeza da visitação de Deus apresentada em forma de profecia por José e retomada literalmente como confirmação e razão do gesto realizado por Moisés.

Ter consigo os ossos de José deu a Moisés uma autoridade secular e que comprometia o povo com o juramento que havia sido feito pelos seus antepassados. Levar consigo os ossos de José era um sinal de que o tempo de opressão havia terminado e que era preciso não esquecer que o Egito nunca fora a terra prometida. Canaã é a meta da viagem e é para lá que, igualmente, os ossos de José se encaminham e será onde encontrarão o seu definitivo descanso. Assim, o desterro que começou com a chegada de José ao Egito começou a terminar, em parte, com a saída e o traslado de seus ossos.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> As medidas tomadas por José para enfrentar os sete anos de carestia revelam, por um lado, a sua sabedoria administrativa, mas, por outro lado, atestam, igualmente que as consequências foram catastróficas, pois para que os egípcios não morressem de fome, as ações foram do uso do dinheiro, passando pela venda de campos e animais, até o ato de se auto escravizar. Houve perda total dos bens e entrega de si mesmo ao faraó. Com isso, os anos da desgraça da fome se tornaram ocasião para encher, ainda mais, os cofres do faraó. Apesar disso, José, ao doar sementes e ao estipular apenas a taxa de 1/5 na sua política agrária, estava dando aos egípcios a possibilidade de reaver a liberdade e de recuperar os bens permutados em víveres. Não à toa, o povo viu benefícios nas ações de José e declarou: “nos causaste vida” (Gn 47,25). Para um aprofundamento, veja-se FERNANDES, L. A., Por que morreremos na tua presença?, p. 113-133.

<sup>24</sup> GARCÍA LÓPEZ, F., Êxodo, p. 91-92; PRIOTTO, M., Esodo, p. 248.

### 3.3. Js 24,32

Quem sai de um lugar se dispõe a peregrinar a fim de chegar e encontrar outro lugar, capaz de lhe garantir a vida. Esta é a aspiração e a motivação que subjazem, por exemplo, à decisão de migrar, muitas das vezes forçada devido a diversos fatores.<sup>25</sup> A migração, por mais de quatro séculos, foi a dinâmica que envolveu os filhos de Israel desde a partida do patriarca Abrão de Ur, passando por várias vicissitudes até a chegada de José no Egito, sendo exilado de Canaã, para enfim “deixar” o Egito e regressar à terra de Canaã. Então, o êxodo do povo, sob a liderança de Moisés, que levou consigo os ossos do grande antepassado, estava motivada a encontrar repouso na terra que, por um lado, era prometida, mas, por outro lado, devia também ser conquistada e repartida entre as tribos.

De início, percebe-se uma pequena, mas significativa modificação na afirmação: “E os ossos de José, que os filhos de Israel fizeram subir do Egito”. Ora, não havia sido Moisés o protagonista dessa ação? (Ex 13,19). Sim, mas a retomada possui plena justificação, visto que Moisés, como atestado, não entrou na terra de Canaã, só lhe foi concedido contemplá-la do cume do Fasga, onde morreu e foi sepultado, cedendo a Josué a liderança e a continuidade da missão (Dt 34,1-12).

Nota-se não uma contradição, mas uma relação nem sempre compreendida. Segundo a tradição sacerdotal,<sup>26</sup> Moisés e seu irmão Aarão foram impedidos de entrar na terra de Canaã por não terem glorificado YHWH aos olhos de todo o Israel por ocasião das águas que jorraram da rocha em Meriba. Esta é a perspectiva presente em Nm 20,2-11 que parece ser um texto paralelo a Ex 17,1-7.

Adentrando-se nos detalhes é possível dizer que não se tratava do mesmo episódio. Nada impede que a mesma tradição tenha sido relida. Há lógica nas narrativas, pois todas as vezes em que o povo estava em marcha houve

---

<sup>25</sup> Sobre a temática da migração em perspectiva bíblica: DIAS, E. C.; FERNANDES, L. A. (Orgs.), *Bíblia e Migração*.

<sup>26</sup> Segundo a lógica da narrativa do livro de Números, o castigo que recaiu sobre Moisés e Aarão completa, com a morte de Mirian, o falimento da geração dos libertos do Egito que culminou em Nm 13-14; 16-17 (NGUYEN, D. A. N., *Numeri*, p. 211-215). “O castigo é claro, mas não o é, igualmente, qual culpa tenham efetivamente cometido Moisés e Aarão para merecê-lo. A razão deste castigo é um dos nós insolúveis da interpretação bíblica e no curso da história surgiram numerosas hipóteses” (OLSON, D. T., *Numeri*, p. 138-144).

murmuração por água e por comida. Ex 17,1-7 faz parte da primeira etapa da marcha pelo deserto (Ex 15,22–18,27). Já Nm 20,2-11 faz parte da etapa em que os filhos de Israel deixaram Cades Barnea, onde morreu Mirian (Nm 20,1), e se dirigiram para as estepes de Moab. Ainda nesse deslocamento, morreu Aarão no monte Hor (Nm 20,22-29).

Ao se comparar Ex 17,1-7 com Nm 20,2-11 notam-se várias semelhanças e diferenças. Nos dois relatos há uma murmuração do povo por água. Um sinal de que a morte é certa. A liderança é colocada em questão e o Egito é reevocado como o local que não deveria ter sido deixado. No primeiro caso, Moisés é a liderança questionada, ao passo que, no segundo, Aarão também toma parte no problema.

O nome Meriba (“litígio ou contenda”) ocorre em Ex 17,7; nome dado por Moisés, ao lado de Massa (“provocação”), devido à forma como os filhos de Israel se rebelaram. Em Nm 20,2-11 não se faz menção a nenhum dos dois nomes, mas houve, por certo, provocação e litígio dos filhos de Israel com Moisés e Aarão. O nome Meriba, só aparece em Nm 20,13, na fala do narrador para enfatizar o litígio dos filhos de Israel, não com Moisés e Aarão, mas com YHWH, e para atestar que, se as águas jorraram, apesar da forma equivocada da ação dos líderes, foi para manifestar a santidade de YHWH.

Visto que a situação excedia a capacidade das lideranças, YHWH foi consultado sobre a querela, a fim de que desse a solução. Em Ex 17,1-7 ainda não havia a tenda da reunião, Moisés, de onde estava, clamou a YHWH. Já em Nm 20,2-11, a tenda da reunião era o local da prostração de Moisés, com Aarão, e da apresentação da querela. Nos dois casos, YHWH ouviu e interveio, dando a solução. É, particularmente, sobre a solução que se encontram as grandes diferenças.

Em Ex 17,6 está dito que YHWH estaria adiante de Moisés e sobre a rocha que deveria ser ferida pelo bastão com o qual Moisés e Aarão haviam ferido o Rio Nilo (Ex 7,14-25). Assim foi feito, Moisés obedeceu diante dos anciãos e, sem que se diga, a água deve ter brotado da rocha e saciado a sede do povo e dos rebanhos. Por essa razão, segue a batalha com os amalecitas pela posse da fonte.<sup>27</sup> Os nomes dados ao local, Massa e Meriba, serviram para responder a uma questão: “YHWH está ou não próximo a nós?”

Em Nm 20,8 também se encontra a resposta de YHWH, mas a ação a ser cumprida por Moisés não é idêntica a Ex 17,6. Moisés, ainda que tivesse que ter o bastão na mão, devia dar uma ordem à rocha para que jorrasse a água

---

<sup>27</sup> FERNANDES, L. A.; GRENZER, M., Êxodo 15,22–18,27, p. 61-75.

(evoca-se a criação pela palavra como em Gn 1,1–2,4a). Ao invés disso, Moisés não falou à rocha, mas ao povo, em tom de desafio e desabafo, ergueu a mão e feriu o rochedo por duas vezes. Houve resultado, pois a água jorrou da rocha. Contudo, houve falha na execução e, por causa desta, YHWH decretou que Moisés e Aarão não entrariam na terra de Canaã (Nm 20,12-13).

Sem dúvida, está é uma explicação plausível apresentada pela corrente sacerdotal, responsável pela releitura da tradição *yahwista* de Ex 17,1-7 em Nm 20,2-11. Sob a lógica da retribuição, Moisés e Aarão se tornaram réus de pecado e de culpa. Por isso, o decreto: “Não fareis entrar esta assembleia na terra que lhes darei” (Nm 20,12).

Tal explicação não parece ser idêntica à que se encontra no livro de Deuterônomo. Ao recordar a rebeldia ocorrida nos limites da terra de Canaã e a sua consequência (Nm 14,1-35), isto é, a não entrada da geração dos libertos, com exceção de Caleb, Moisés lembra-lhes que sobre ele, igualmente, recaiu uma sentença: “Também contra mim a ira do Senhor ardeu por vossa causa: Também ali tu não entrarás. Josué, filho de Nun, que está de pé diante de ti, ele entrará ali. Encoraja-o, porque ele fará Israel herdar!” (Dt 1,37-38).

Nota-se que, na fala de Moisés, não se fez menção ao episódio de Meriba. Moisés atribuiu a culpa da sua não entrada em Canaã aos filhos de Israel. E Moisés ainda apresentou uma nova tentativa com a esperança de dissuadir YHWH a permitir a sua entrada na terra de Canaã em Dt 3,23-29.<sup>28</sup>

Contudo, Dt 32,48-52 parece ter sofrido interferência de Nm 20,2-21; 27,12-14, pois retoma a mesma razão para Aarão e Moisés não entrarem em Canaã. A diferença de perspectiva com relação a Dt 1,37-38; 3,23-29 poderia ser explicada, segundo a história da redação, pela ação sacerdotal no livro de

---

<sup>28</sup> Por um lado, a súplica de Moisés atesta o valor e o preço da sua obediência a YHWH e à sua vontade. Por outro lado, no contexto da aliança atesta que a diaconia tem que ser desinteressada e livre. A retribuição como contrapartida da fidelidade, na negação ao pedido feito a YHWH, demonstra que na teologia Deuteronomista essa relação não é do tipo “toma lá, dá cá” (PAPOLA, G., Deuteronomio, p. 72). O modo de falar de Moisés é típico de um vassalo em relação ao seu suserano. Não à toa, Dt 34,5 classificou Moisés como “servo de YHWH”. Diante do *ethos* divino, o *pathos* de Moisés não reveste apenas o seu *logos*, enquanto pedido dirigido a YHWH, mas é uma atestação de todos os feitos aos quais Moisés esteve presente e atuante como “servo de YHWH”. A resposta de YHWH a Moisés retoma a decisão já anunciada em Dt 1,37-38 (PAGANINI, S. Deuteronomio, p. 127-128).



Deuteronomio, a fim de harmonizar o interdito com a doutrina da responsabilidade individual.<sup>29</sup>

A decisão de YHWH não ouvir o apelo de Moisés é um dado curioso, pois, inúmeras vezes não somente foi ouvido, mas, inclusive, foi ousado, em tom de quase rebeldia, na forma como falou com YHWH. Bastaria evocar Ex 32,11-14; 33,12-17. E, nem por isso, foi penalizado por YHWH. Talvez a diferença esteja no fato do objeto da intercessão, quando foi pelo povo, YHWH o ouvia, mas quando foi por si próprio, não foi ouvido. Mesmo assim, causa estranheza, pois no contexto da rebeldia de Mirian e de Aarão, Moisés foi definido como “o mais humilde ser humano que estava sobre a face da terra” (Nm 12,3). Por que uma decisão tão dura da parte de YHWH em relação a Moisés?

Com a morte de Aarão, no cume do monte Hor, e o sumo sacerdócio sendo passado ao seu filho Eleazar (Nm 20,22-29), e a morte de Moisés no cume do Fasga e a liderança sendo entregue ao jovem Josué (Dt 34,1-12), encontra-se um plausível repouso na narrativa sobre a morte e sepultura desses dois líderes sucessores no final do livro de Josué (24,29-31.33). O estranho, porém, recai sobre a evocação e o sepultamento dos ossos de José em Js 24,32 sem que se mencione o agente de tal ação.

Visto que o local do sepultamento tem a ver com a porção de terra que Jacó comprou dos filhos de Hemor por cem peças de prata, pode-se pensar que o sepultamento foi um ato conjunto dos clãs descendentes dos dois filhos de José, Efraim e Manassés, pois, a notícia da morte de Josué veio antes e, em momento algum, se disse que Josué tenha se casado e que teve uma descendência.

Contudo, a afirmação de Josué a todo o Israel reunido na assembleia de Siquém, “Eu, porém, e minha casa serviremos a YHWH” (Js 24,15), é um dado significativo e abre uma possibilidade para que a família de Josué, filho de Nun e da tribo de Efraim, tenha sido a responsável pelo sepultamento dos ossos de José, concretizando o dom que Jacó havia feito a José em Gn 48,22. É o dado que explica, cabalmente, porque “se tornaram herança para os filhos de José” (Js 24,32d).

---

<sup>29</sup> PAPOLA, G., Deuteronomio, p. 371-373. A doutrina da responsabilidade individual é fortemente evocada no provérbio: “os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados” (Jr 31,29; Ez 18,2). “Antes de se tornar arauto dessa verdade, Ezequiel experimentou, em primeira pessoa, a força de tal responsabilidade, não só como membro do povo, mas como característica singular da sua vocação e missão proféticas” (FERNANDES, L. A., Ezequiel como sentinela e suas implicações sociorreligiosas, p. 2).

A questão, entretanto, que se mantém latente tem a ver com a proibição contida em Nm 19,11-16 que, em si, é uma interpolação entre Nm 19,1-10.17-22, pois apresenta o modo como se deve proceder com a purificação de quem tiver tocado em um cadáver. Tal ritual não tem a ver somente com a classe sacerdotal, mas se aplicava a todo o povo.<sup>30</sup>

Então, como conciliar essa proibição com os textos que falam do traslado dos ossos de José? A primeira resposta contundente tem a ver com o que é específico de uma legislação: ela não retroage quando promulgada. Nesse sentido, não se aplicaria a quem esteve em contato com os ossos de José que, provavelmente, não deveriam estar sendo carregados por pessoas, mas, dependendo do tamanho do sarcófago, estaria sendo puxado, no mínimo, por um carro de bois ou de jumentos.

Ao lado dessa suposição, Lv 21,1-4 contém uma permissão para que parentes possam tocar nos cadáveres de seus familiares. Algo que, realmente, deve ter se tornado um grande problema, visto que, segundo a narrativa, o número dos libertos era de seiscentos mil homens, sem contar suas famílias e uma numerosa multidão misturada com os animais (Ex 12,37-38). Por certo, uma hipérbole, mas que é digna de consideração visto que toda a geração dos libertos, com exceção de Josué, Caleb e seus clãs, foi sentenciada a morrer no deserto por causa da desobediência frente à negação da conquista da terra (Nm 14,22-24; Dt 1,34-36). Então, durante os quarenta anos, houve grande número de mortos e o deserto acabou por se tornar o local de suas sepulturas. Enquanto isso, os ossos de José continuavam sendo trasladados rumo à terra de Canaã. E porquê?

Em primeiro lugar, em função do cumprimento da ordem contida em Gn 50,25 e, pessoalmente, assumida por Moisés em Ex 13,19. Assim, Moisés torna-se responsável pela execução dessa ordem.

Em segundo lugar, por causa do retorno à terra de Canaã. Visto que José foi o responsável pela entrada de Jacó e de seus irmãos no Egito, parece que ao mesmo se tenha querido atribuir o caminho de volta. Isto é possível de se admitir por dois critérios.

Josué era filho de Nun e da tribo de Efraim, logo um descendente direto de José. Pode-se dizer que seria um “José redivivo”, ou em seu descendente

---

<sup>30</sup> A razão para tal se encontra no fato de que no Antigo Oriente Próximo o contato com um cadáver era uma ocasião de grave risco de contaminação que poderia levar à morte tanto quem tocou como a outras pessoas (OLSON, D. T., Numeri, p. 134).

Josué, José continuava vivo. Ao lado deste fato, os ossos de José, levados do Egito por Moisés, tendo acompanhado todo o tempo da peregrinação e permanência no deserto, e encontrando o seu devido repouso ao serem sepultados, após a conquista e divisão dos territórios entre os filhos de Israel, permitiria dizer que quem levou o seu povo de Canaã para o Egito acabou por se tornar o real responsável por devolver o povo à terra prometida.

Então, essa perspectiva encontra-se em via mediana entre a posição assumida pela corrente sacerdotal em Nm 20,12-13; 27,12-14 + Dt 32,48-52, que evocam o episódio de Meriba, e Dt 1,37-38; 3,23-29 que não evocam esse episódio, mas colocam Moisés “culpando” o povo por ter sido proibido de entrar na terra de Canaã.<sup>31</sup>

Portanto, com a perspectiva do caminho percorrido pelos textos, que se referem aos ossos de José, pode-se dizer que existe, no interno da Torá associada a Josué, uma terceira forma de se explicar o motivo da não entrada de Moisés na terra de Canaã. Pela lógica da narrativa, José, que levou o seu povo para o Egito, então “o trouxe de volta”. Tal hipótese pode ser endossada, ainda, pelo fato de Moisés morrer fora de Canaã e se ignorar o local da sua sepultura, ao passo que José, embora tenha morrido no Egito, foi sepultado em Canaã e com a devida indicação do local da sua sepultura.

Se essa hipótese for aceita, tem-se, portanto, outra explicação que difere das que foram dadas pelas correntes sacerdotal e Deuteronomista, para a questão da não entrada de Moisés na terra de Canaã e porque os ossos de José saíram e fizeram o seu percurso do Egito até Canaã, sem que se fale de contaminação do acampamento, encontrando o seu definitivo repouso em Siquém.

Destarte, a ligação de Moisés com a tribo de Efraim deve ser levada em consideração, pois, além de ter praticamente desde o início Josué ao seu lado

---

<sup>31</sup> “Moisés dirige ao Senhor uma súplica em favor próprio. Esta súplica está baseada na fidelidade do Senhor à sua palavra e na participação de Moisés nos seus planos divinos. Moisés exalta o Senhor e sua grandeza, mas não o convence, pois, o Senhor não é como o ser humano que se deixa corromper e se comover por elogios. A resposta negativa do Senhor é mitigada pela visão da terra concedida a Moisés do alto do cume do Fasga. Três temas estão presentes na narrativa: a entrada negada, a visão da terra e a nomeação de Josué como sucessor. Esses temas, cuja narrativa será retomada em Dt 31,1, mostram a importância e o valor da vocação e da missão de Moisés, feitas de obediência ao Senhor e serviço ao povo que deve aprender a obedecer como o seu líder. Josué, além de ser instruído a ser firme, forte e corajoso, assume essa condição de servo obediente no lugar de Moisés (Js 1,1-9)” (FERNANDES, L. A., Deuterônomo, p. 389, nota sobre 3,23-29).

como auxiliar, na bênção que proferiu, antes de morrer, deu ênfase maior a José do que em relação às demais tribos (Dt 33,13-17).<sup>32</sup>

## Conclusão

As últimas palavras de José aos filhos de Israel (Gn 50,25), assumidas por Moisés (Ex 13,19), e enaltecidas, no tocante aos seus ossos, com um digno sepultamento (Js 24,32), atestam que YHWH é fiel às promessas feitas aos patriarcas e que a sua fidelidade perdura a favor de seus descendentes. Tal feito é tão relevante que foi, inclusive, citado em Hb 11,22 como um ato de fé da parte de José.<sup>33</sup>

Se o proposto acima for confrontado com 2Rs 13,20-21, que atribuiu uma capacidade singular ao túmulo dos ossos de Eliseu, podendo ressuscitar um morto, e com a visão dos ossos ressequidos em Ez 37,1-14, a dinâmica do traslado dos ossos de José, do Egito para Canaã, poderia, no contexto do drama do exílio e do retorno, ser um sinal de esperança. A morte, então, independentemente do local (quer da geração morta no deserto e que não entrou na terra prometida; bem como os que morreram ao longo do exílio em Babilônia), não tem, na perspectiva profética, a última palavra sobre a vida.

O cumprimento da ordem e o cuidado tanto de Moisés como de quem sepultou os ossos de José podem revelar os sentimentos, os afetos e as ligações profundas entre os seres humanos. Adão disse de Eva: "... osso de meus ossos" (Gn 2,23). Labão recebeu Jacó afirmando: "és de meu osso" (Gn 29,14). Aos de sua casa materna, Abimelec apelou e disse: "eu sou osso vosso" (Jz 9,2). Jó

---

<sup>32</sup> Além da proximidade com Gn 49,22-26, enfatizando a fecundidade humana e da terra, Efraim aparece em uma posição privilegiada em relação a Manassés (PAPOLA, G., Deuteronomio, p. 380-381). José, inclusive, aparece como superior aos seus irmãos, mas isso se deve à pura iniciativa divina, razão pela qual o fenômeno da sarça foi citado, criando uma ligação entre Moisés, vocacionado e comissionado nesse momento (Ex 3,1-4,18), e "José" e seus irmãos, que se multiplicaram, a quem deve resgatar do Egito (PAGANINI, S., Deuteronomio, p. 452).

<sup>33</sup> José baseou o seu futuro na fé, certo de que seu povo deixaria o Egito. Ao dar cumprimento às palavras de José, essa fé se cumpriu e se entendeu que se estava diante de um longo processo que culminou na realização das promessas de YHWH. Para o crente, importa a certeza de que Deus é fiel às suas promessas. A ordem dada por José coaduna perfeitamente com a definição de fé contida em Hb 11,1, enquanto posse antecipada das coisas que se esperam (BOSIO, E., *Epistola agli ebrei*, p. 85; O'BRIEN, P. T., *La lettera agli Ebrei*, p. 619-621; GUNDRY, R. H., *Commentary on Hebrews*, p. 128).

também foi ferido nos ossos (Jó 2,5; 30,30). E o orante, diante dos seus adversários, exclamou: “Posso contar todos os meus ossos” (Sl 22,17). Disso se depreende que, para os filhos de Israel, dar uma sepultura digna a um morto era importante e honroso (Js 24,32; 2Sm 2,5-7; Tb 2,1-8; Ez 39,15), mas queimá-los sobre um altar retirava dele qualquer atribuição sagrada, desmoralizando-o (2Rs 23,20; Am 2,1).<sup>34</sup>

Então, o ato de fé de José, assumido por Moisés e, devidamente, concluído no final do livro de Josué, primeiro escrito dos denominados “Profetas Anteriores”, para o círculo profético demonstra que o povo, enquanto agente sociorreligioso e sujeito histórico, é continuamente colocado e criticado diante de todas as formas de abuso do poder, causadoras de morte, pois apenas no Espírito de YHWH a vida e a ordem podem ser restauradas (Nm 11,24-30; Jl 3,1-5). É a graça da vida, autêntico *shalôm*, que vence a esterilidade da terra, dos animais e dos seres humanos, fazendo prosperar.

Assim, em cada ato de YHWH encontra-se o milagre da vida que faz ressurgir da morte.<sup>35</sup> Por isso, a ordem do traslado dos ossos segue associada à profecia proferida por José: “Deus, certamente, vos visitará” (Gn 50,25c e Ex 13,19d). Esta certeza continua válida e anima a vida do fiel, pois Deus, justo e misericordioso, nunca abandona ou decepciona os que n’Ele depositam a sua esperança. Moisés deu prova disso, pois, enquanto os filhos de Israel “saqueavam os egípcios”, ele se preocupou com um grande tesouro: os ossos de José.

## Referências bibliográficas

BANWELL, B. O. Ossa. In: MARSHALL, I. H. et al. **Dicionario Biblico GBU**. Chieti-Roma: Edizioni GBU, 2008. p. 1123-1124.

---

<sup>34</sup> BANWELL, B. O., Ossa, p. 1123-1124.

<sup>35</sup> Na trajetória dos ossos de José encontra-se um caminho bíblico a ser percorrido por cada fiel, certo de que Deus, revelado a Moisés como Deus dos patriarcas (Ex 3,6), e evocado por Jesus no debate com os saduceus como Deus dos vivos e não dos mortos (Mt 22,23-33; Mc 12,18-27; 20,27-40), faz o justo viver (Hab 2,4). Entre os ossos de José, que chegaram a Canaã e foram sepultados, e Moisés, que morreu e foi sepultado, mas seu lugar permanece desconhecido, está o dilema saudável entre exegese e hermenêutica: a verdade do texto nunca será alcançada definitivamente, pois sempre estará aberta a novas válidas e lícitas interpretações (SCHWARTZ, R. M., Joseph’s Bones and the Resurrection of the Text, p. 114-124).

BEAUDRY, M. Siquém. In: BOGAERT, P.-M. et al. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus/Academia Cristã, 2013. p. 1264-1265.

BOCIAN, M. Beniamino. In: BOCIAN, M. **Dizionario dei personaggi biblici**. Casale Monferrato: Piemme, 2004, p. 91-93.

BOSIO, E. **Epistola agli ebrei**. Epistole cattoliche. Apocalisse. Commentario exegetico-pratico del Nuovo Testamento. Torino: Claudiana, 1990 (reprint).

DALLA VECCHIA, F. **Giosuè. Introduzione, traduzione e commento**. Cinisello Balsamo/Milano: San Paolo, 2010.

DIAS, E. C. **A Vida de Sara e o Cumprimento da Promessa-Aliança Exegese Narrativa de Gn 23,1-20**. Rio de Janeiro, 2016. 299p. Tese de Doutorado. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27718/27718.PDF>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DIAS, E. C.; FERNANDES, L. A. (Orgs.). **Bíblia e Migração**. Experiência humana e salvífica. BRASÍLIA: CSEM, 2022. Disponível em: <[https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2022/01/E-book\\_PT\\_BIBLIA\\_e\\_MIGRACAO\\_2022\\_FINAL-1.pdf](https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2022/01/E-book_PT_BIBLIA_e_MIGRACAO_2022_FINAL-1.pdf)>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Editio quinta emendata (opera A. Schenker). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

FERNANDES, L. A. Deuteronômio. In: A BÍBLIA – Pentateuco. São Paulo: Paulinas, 2021. p. 379-452.

FERNANDES, L. A. Ezequiel como sentinela e suas implicações sociorreligiosas. **Revista Caminhando**, v. 26, p. 1-12, jan./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v26.e021031>.

FERNANDES, L. A. Por que morreremos na tua presença? Uma análise de Gn 47,13-26. **Perspectiva Teológica**, v. 46, n. 128, p. 113-133, jan./abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.20911/21768757v46n128p113/2014>.

FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. **Êxodo 15,22–18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011.



FRUCHTENBAUM, A. G. **The Book of Genesis**. San Antonio/Texas: Ariel Ministries, 2008.

GARCÍA LÓPEZ, F. **Éxodo**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2007.

GILMOUR, G. Shechem. In: ARNOLD, B. T.; WILLIAMSON, H. G. M. (Eds). **Dictionary of the Old Testament: Historical Books**. Downers Grove/Illinois: IVP Academic, 2005. p. 889-892.

GUNDRY, R. H. **Commentary on Hebrews**. Grand Rapids/Michigan: Baker Academic, 2010.

HILL, A. E. #3578 – ךס׳. In: VANGEMEREN, W. A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 475-478. v.2.

KITCHEN, K. A. Asenat. In: MARSHALL, I. H. et al. **Dicionario Biblico GBU**. Chieti-Roma: Edizioni GBU, 2008. p. 154.

KUHRT, A. **El Oriente Próximo em la Antigüedad, I c. 3000-330 a.C.** Barcelona: Crítica, 2000.

LOZA, J. **Génesis 12–50**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2007.

MARSHALL, I. H. **Gli Atti degli Apostoli**. Introduzione e Commentario. Chieti/Roma: Edizioni GBU, 1980.

NGUYEN, D. A. N. **Numeri**. Cinisello Balsamo/Milano: San Paolo, 2017.

O'BRIEN, P. T. **La lettera agli Ebrei**. Introduzione e commento. Chieti-Roma: Edizioni GBU, 2014.

OLSON, D. T. **Numeri**. Torino: Claudiana, 2006.

PAGANINI, S. **Deuteronomio**. Milano: Paoline, 2011.

PAPOLA, G. **Deuteronomio** – introduzione, traduzione e commento. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 2011.

PRIOTTO, M. **Esodo**. Milano: Paoline, 2014.

ROSSÉ, G. **Atti degli Apostoli** – commento exegetico e teologico. Roma: Città Nuova, 1998.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n5p68

SICRE, J. L., **Josué**. Estella/Navarra: Editorial Verbo Divino, 2002.

SKA, J.-L. **O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele**. São Paulo: Paulus, 2015.

SOGGIN, J. A. **Storia D'Israele**. Brescia: Paideia, 2002.

SCHWARTZ, R. M. Joseph's Bones and the Resurrection of the Text: Remembering in the Bible. **Modern Language Association**, v. 103, n. 2, p. 114-124, mar. 1988.

***Leonardo Agostini Fernandes***

Pós-doutorado e Doutorado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana

Docente de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: laf2007@puc-rio.br

Recebido em: 16/02/2022

Aprovado em: 22/03/2022